

Atenêia Feijó e Carlos Humberto TDC documentam com exclusividade para MANCHETE a sucessão do cacique Apoena



OS XAVANTES ELEGEM SEU CACIQUE

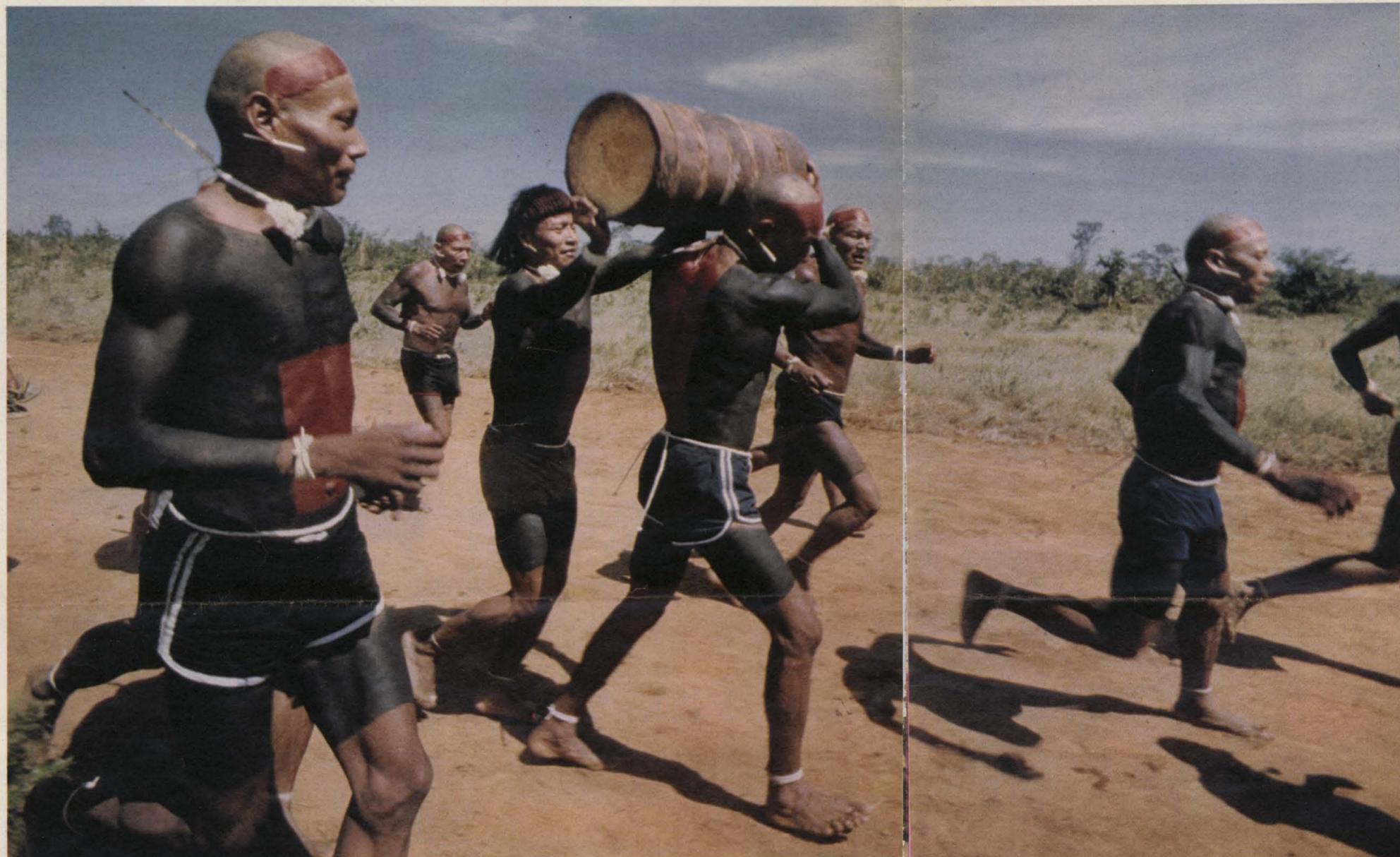
Uarodi, o filho mais velho de Apoena, é o novo cacique dos xavantes. Com sobrancelhas e pestanas depiladas, ele mantém a tradição que identifica um rosto xavante. A cabeça rapada é luto pela morte de Apoena.



O luto pelo chefe morto vai durar uma lua. Mas para conservar

seus costumes, os índios celebram o ritual da corrida do buriti

A tradicional corrida com toras de buriti significa que a vida continua na aldeia Pimentel Barbosa, embora o luto pela morte do velho cacique ainda seja mantido. A corrida é uma manifestação de vitalidade entre os xavantes, que já possuem seu novo chefe: Uarodi.



Na vereda, Siribura derruba o buriti forte como ele mesmo. Depois, corta a tora que é transportada sem dificuldades em seu ombro musculoso. Já em mato seco, começa a prepará-la para a corrida, mantendo alerta o espírito xavante.



NA reserva indígena Pimentel Barbosa, ainda se adormece e acorda ao som do lamento forte dos que choram a partida do mais velho entre os velhos xavantes: o cacique Apoena, conhecido pelos índios como Apouen.

A mão firme de Sibupá desliza a gilete no couro cabeludo de Surupredo, fazendo rolar sobre suas costas largas e musculosas as mechas longas e negras cuidadas com *noron-jô* (óleo de coco). Afinal, também o moderno Surupredo se rende à tradição de seus antepassados, deixando que lhe rapem a bela cabeça — uma de suas maiores vaidades — em sinal de luto pela morte do tio, o grande *imomã* Apouen, chefe geral do povo xavante. E apesar de sua ascendência sobre o partido mais jovem, Surupredo concorda em que a nova liderança deverá ser exercida com a sabedoria e espírito comunitário do filho mais velho e sucessor natural de Apouen: Uarodi.

Preparado pelo próprio pai para manter a cultura herdada oralmente dos mais antigos e a unidade de seu povo, Uarodi já assumiu o comando de sua aldeia. Para os que tentaram transferir os problemas da sucessão presidencial para a nação xavante, à espera de uma rebelião dos índios mais jovens na disputa do poder, a escolha do *imomã* foi decepcionante. Sem qualquer demonstração de autoridade ou força física, Uarodi se impõe discretamente, apenas pelo respeito e tradição. Sem vantagens materiais ou dispensa do trabalho para seu sustento, o cacique xavante lidera moralmente o seu povo. Porque, na verdade, tudo é discutido democraticamente nas reuniões diárias do conselho (Uáran), realizado ao amanhecer no terreiro da aldeia. E também ao entardecer. É quando se debatem as tarefas do dia, o rendimento da roça, as providências que devem ser tomadas contra os invasores, os mexericos e problemas locais. Se alguém viajou e chega de volta é o contador-mor das novidades. No Uáran, debatem-se, ainda, economia, política e o comportamento social da aldeia de Intiniritipá. Sempre foi assim.

De pé, os braços cruzados ou gesticulando com vagar e delicadeza, numa voz baixa e suave, Uarodi fala manso e em xavante. Num português primário e esforçado, Surupredo traduz suas

declarações a MANCHETE, enquanto o grande chefe parece estar com os olhos fixos em horizontes invisíveis:

“*Imomã* Apouen está velho, morreu, acabou. Só *imomã* mandava, agora eu, Uarodi. A aldeia tem que escutar Uarodi. Meu Governo é com a palavra. Palavra no mundo do índio é lei. Vai chamar capitães de Areões, Couto Magalhães, São Marcos, Namacorá, Koloene e Sangradouro. Eles têm que ouvir o Uarodi como ouvia Apouen. Mário Juruna, Aniceto e outros vão lá em Brasília escondido. Não está certo. Feio índio ir na cidade pedir camisa, cobertor escondido. Por que não vem pedir aqui? Quem mandou Juruna? Não sei, não perdi a *imomã*. Até padrei mandou. *Imomã* não acha bom. Acha besteira. Xavante tem que ficar unido pra ficar forte. Agora Uarodi vai cuidar da aldeia e Surupredo vai a Brasília cuidar do Projeto Xavante. Eu ficar na aldeia. Surupredo viajar. Brasília não trabalhar direito. Até hoje o projeto não funciona. Trator quebrado, sem manutenção. O arroz só para comer, vender não deu. Surupredo pediu arame, não chega. Professora, não chega. Merenda escolar, não chega. Ficou em Areões. Os índios lá comeram o açúcar, o leite, o macarrão, a farinha. Não faz mal. *Imomã* Apouen mandava fazer roça, cortar com foice. *Imomã* mandava conservar cabelos, dizia pra índio continuar índio.”

COM 49 famílias, num total de 275 pessoas — 60% de crianças — que habitam as 22 casas, a aldeia é em forma de círculo. Bem próximo, a sede bastante precária do posto, sem luz elétrica e água encanada, a farmácia desfalcada de remédios e a escola abandonada, sem professor. Para aumentar o aspecto desolador, a maioria das *ri* (casas indígenas) já se descaracterizou, são construídas em estilo sertanejo, com paredes de esteio e folhas de buriti, cobertas com palha de coco. Das primitivas, em forma cônica, praticamente tecidas em palha de buriti, só existem duas. E no interior das *ri*, as malas de couro plastificado ou papelão, os utensílios de alumínio, as roupas e outros objetos do universo civilizado se misturam promiscuamente com os belos *sionô* (cestos) e *tenhamre* (esteiras) artesanais, confundindo todo e qualquer primitivismo com a miséria comum aos barracos urbanos.

SECUE

Agora, com a nova liderança, os posseiros deverão deixar a terra xavante. O prazo para a retirada é curto

NOS arredores, a plantação de arroz — este ano colheram uma quantidade equivalente a 300 sacas — o chiqueiro, as galinhas. No terreiro central, as traves de gol anunciam a disputa de peladas no pátio da intiniritipá. Soltos, dorminhocos ou latidores, os cachorros magros mantêm a aldeia livre dos restos de comida.

Com uma alimentação baseada em arroz, mandioca, feijão, abóbora, inhame e peixe — caça de vez em quando — os xavantes são altos e com boa aparência física, principalmente os homens. Vaidosos e elegantes, eles são, no conceito estético dos civilizados, bem mais bonitos que as mulheres. Nem a gripe que contagiou a aldeia inteira compromete a altivez e o ânimo dos xavantes de Pimentel Barbosa. Nem os seis casos de pênfigo (fogo-selvagem) os desesperam. E tanto o pênfigo como a tuberculose são controlados pela atendente sertaneja Maria Alzira, de 24 anos — seis entre os xavantes —, quatro filhos e um salário de três mil e poucos cruzeiros. Durante o verão, ela salvou muitas crianças de desidratação, recorrendo à água de arroz, enquanto outras, em estado menos grave, faleciam no hospital de Aragarças. Em quatro anos, nasceram 77 crianças e morreram 25.

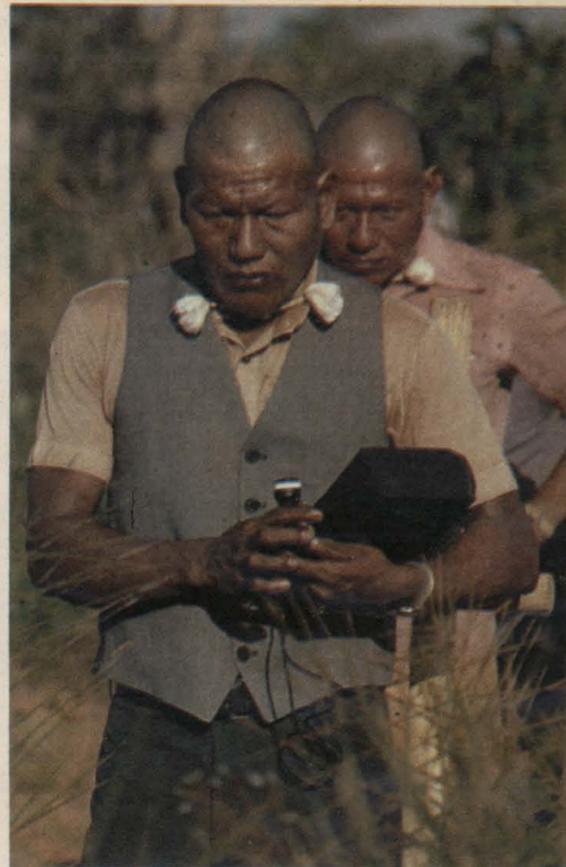
No caso da doença de Apoena, bastante idoso e enfraquecido, o tassapori (pajé) Sibupá, um de seus 27 filhos (Apoena teve seis mulheres), banhava-o com folhas e raízes até o momento do cacique ser mandado para o hospital de Brasília. E ninguém imaginava que logo o Apoena retornaria do tratamento de sua anemia profunda, na capital, para modernizar o cemitério xavante em Pimentel Barbosa. Seu corpo embalsamado foi transladado num caixão de luxo, obedecendo às exigências brancas. E num estranho sincretismo, o caixão desceu à terra acompanhado de todos os pertences do *imomã*, numa cova especialmente cavada para manter a cabeça mais alta que os pés. Falecido aos 75 — 80 anos presumíveis, segundo o chefe do posto, Ismael da Silva Leitão — que o conhecia desde 1947 — Apoena foi responsável pelo ataque que, em 1941, dizimou a expedição sertanista de Genésio Pimentel Barbosa. O guerreiro e cacique xavante só manteve o seu primeiro contato

pacífico com os brancos, quatro anos depois, através de Francisco Meirelles. De lá para cá, seu povo — cerca de quatro mil xavantes — continua lutando pacientemente na cobrança da promessa de Chico Meirelles, que garantiu-lhe o direito de posse sobre as terras habitadas pela tribo. Embora os xavantes tenham de fato ganho suas próprias terras por uma decreto do governador de Mato Grosso, Arnaldo Figueredo, tornaram a perdê-las com o governador seguinte, Fernando Correia. Esse último não só desrespeitou o acordo com os índios como o decreto, passando a vender as terras indígenas.

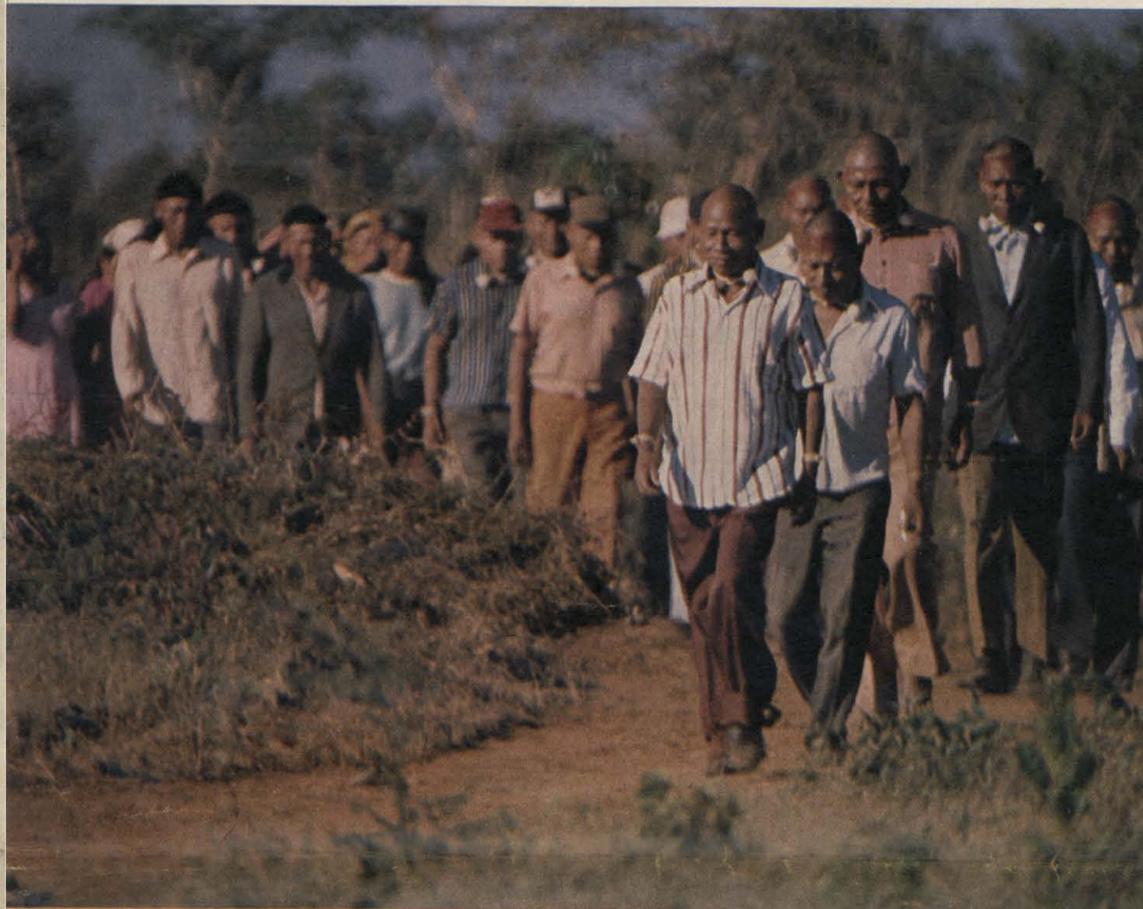
Com 206 mil hectares delimitados atualmente pelos confrontos do ribeirão Corixão, Agua Suja, Fazenda Uta e rio das Mortes, a reserva Pimentel Barbosa foi demarcada com conflito de litígio de nome. A linha tinha que seguir o rio Agua Suja, mas foi delimitada antes, no Agua Amarela. Além disso, a região está inteiramente loteada, desde 1959, pelo governo estadual, e todos os proprietários têm título definitivo.

SÃO mais de 40 lotes dentro da reserva, cercada por fazendas de grandes grupos agropecuários e invadida por camponeses goianos e nordestinos. Como Francisco Diniz, Camilo Pereira e Arcanjo Guimarães, que foram procurados por Siribura e mais dois índios, com um recado de Uarodi para que fossem até a aldeia, no dia marcado. E, depois de 15 léguas, de montaria, os posseiros chegam ao posto Pimentel Barbosa, ao anoitecer. Uarodi e Surupredo são avisados. Com um 38 à mostra na cinta, chapéu de feltro de aba larga amassada sobre os cabelos crescidos e anelados, o rosto moreno avermelhado pela lama de suor e pó do cerrado, Camilo é do norte goiano: "Estou com 14 anos lá no Corixão. Quando viemos, era gerais brabo. Não tinha ninguém. Índio só no São Domingos, a Fazenda Alvorada do seu Lalau e o riozinho onde morava os povos do Parrião. Entremeu aí tinha um outro posseiro que era o finado Adalto, num lugar de nome Cachoeirinha, no rio das Mortes." Com 55 anos, muitas mangueiras, um laranjal, um canavial, um engenho e uma roça plantada na

Reuaíon, a viúva de Apoena, conserva a mesma fibra do esposo, enquanto as filhas de Uarodi fortalecem a terceira geração. Indo para o cemitério, onde foram reverenciados em memória de *imomã*, os xavantes são liderados pelo novo chefe.



Diante do túmulo de Apoena, seus filhos lhe prestam contas do que fizeram e estão pretendendo fazer. As folhas de coco-babão são para que seu espírito proteja a aldeia. Surupredo, no melhor estilo de Juruna, grava para a posteridade.



terra apossada, Camilo concorda que mora dentro da reserva: "Não somos donos da terra. Só moramos e trabalhamos nuns 15 alqueires da área formada de pasto e roçado. A terra é dos xavantes. Nós pagamos imposto de renda de criação pra eles. Ano passado cobraram Cr\$ 10,00 por cabeça. Eu tinha 80 cabeças. Da roça, não cobram nada. Apoena conheci muito, já estava bem fraquinho, mas quando se chegava aqui, ele abraçava a gente."

UARODI se levanta e fala de pé, em xavante. Depois aperta as mãos dos posseiros. Há uma certa afinidade entre os homens verdadeiramente ligados à terra. Já é noite quando Surupredo traduz: "Até julho é o prazo para abandonarem a reserva. Agora, não vai precisar pagar. Meu pai morreu, eu não vai aceitar pagamento. Agora não pode. Até julho pagar a metade. De julho em diante, tirar o gado. Área demarcada. Pagar até julho a metade, Cr\$ 7,50. Não precisa pagar Cr\$ 14,00. Depois tira tudo. É ordem da Funai." Os posseiros perguntam se vão ser indenizados. Sem nenhuma resposta positiva, eles assumem a posição do fatalismo sertanejo e se despedem: "Vamos agasalhar a tropa para dormir na antiga casa da farinha e arribar bem cedo. O Corixão está teimando nas vazantes toda vida." Surupredo anuncia a corrida de toras para o dia seguinte.

O significado dessa corrida é sempre uma manifestação de vitalidade. No caso, uma homenagem a Apoena mostrando que a aldeia continua unida (na corrida, não há perdedores) com sua cultura e paz preservadas: Uarodi é o novo cacique, apoiado pelo primo Surupredo que o representará fora da aldeia. Bem cedo, Siribura e Sanandô se dirigem para os lados do curral e alcançam a vereda onde estão os buritis. Exploram o encharcado, escolhendo um pé bem forte e saudável. Às machadadas derrubam o buriti que geme tombando no chão da vereda. Siribura e Sanandô cortam duas toras do mesmo tamanho e as transportam, nos ombros, para o mato seco. Depois de limpá-las bem, raspando-as com o facão, escavam suas extremidades formando cavidades de apoio para as mãos dos corredores.

SEGUE

Os xavantes tomam decisões em convenção democrática

NA aldeia, os homens enlutados (todos com a cabeça rapada) pintam os corpos com carvão e urucum, enfeitando-se com *sipsi* e *utsi* (cordões nos pulsos, tornozelos e cintura). Colocam no pescoço o *danhonrebywa* — uma espécie de gravata-borboleta feita de corda, enfeitada com uma pena — e os *daporeôau* nos lóbulos das orelhas, furadas na adolescência. Mas nem assim se despem mais: ficam no máximo seminus, exibindo-se em calções de futebol coloridos.

Ao entardecer, os xavantes se encontram no pátio da aldeia. É a reunião diária do conselho, quando os problemas do grupo são levantados e discutidos democraticamente. Todos têm direito à palavra.

Sob a quentura do sol de uma tarde no cerrado — mesmo horário em que foi realizado o enterro de Apoena — iniciam a corrida, apanhando as *uiedês* (toras) junto à vereda, distante uns dois quilômetros do pátio da aldeia. Divididos em dois grupos — cada um com um *uiedê* — os xavantes retornam ao terreiro, jogando as toras no chão. Chegam então os velhos de respeito. Lupauen é o mais antigo da Intiniritipá. Ele discursa, apoiado num cajado de buriti. Os outros também discursam. Em seguida, os corredores formam um cír-

culo, se entrelaçando as mãos e começam a dançar e cantar. Entoam fonemas repetitivos e bastante rítmicos. De cabeça baixa, começam uma marcação compassada em 3/4, encostando os tornozelos e afastando os pés para batê-los simultaneamente com força no chão. Surupredo se ausenta da festa por alguns momentos e retorna munido de um gravador. Como uma espécie de ministro de relações exteriores, ele é, de agora em diante, responsável pela divulgação da cultura e reivindicações de seu povo. Quando a noite chegou, os

xavantes ainda dançavam. Mas de madrugada podia-se ouvir o choro histórico das lamentações que continuarão mantendo o luto de uma lua, pela perda do grande cacique Apouen.

Um novo amanhecer. Desta vez, com os xavantes de Pimentel Barbosa em fila indiana, a caminho do cemitério. Encabeçada pelo novo líder — Uarodi — a visitação ao túmulo do *imomã* é tranqüila e sem choros. Só o respeito continua inalterado. E os filhos de Apoena vão dando satisfação de seus atos, um a um, ao pai enterrado. Falou Uarodi, baixinho, com seu jeito manso. Falou Sibupá, com sua eloquência de pajé. Falou Surupredo, em português, de colete, relógio e gravador:

“Meu pai eu vou trabalhar direito. Todo mundo xavante. Vem Sangradouro, Areões, São Marcos... Primeiro vou trabalhar Pimentel. Me ajuda, meu pai. Filho vai estudar direitinho. Ismael chefe branco de posto está velho. Vai morrer, vai acabar. Agora escolher bem, escolher ruim não pode. Uarodi fica cacique. Eu vou brigar em Brasília pelo direito xavante. Me ajuda, meu pai.”

